

Niemeyer cria um novo museu para índios

CORREIO BRAZILIENSE

04 MAR 1999

Anderson Schneider



Niemeyer, Roriz e a secretária de Cultura, Luiza Dornas, no gramado da Esplanada

Newton Araújo Jr.
Da equipe do *Correio*

O criador encarou a criatura e não se viu nela. “Quando passei naquelas ruas transversais cheias de anúncios, achei um absurdo”, admite o arquiteto Oscar Niemeyer em visita à cidade que ajudou a construir. Em Brasília desde a terça-feira passada, Niemeyer ficou horrorizado com as quadras comerciais repletas de letreiros luminosos. “E, por todo lado, tá tudo entupido de carros. É uma m*...” Do alto dos seus 91 anos, caminhando firme e forte, ele continua a dizer claramente o que pensa.

O arquiteto veio a convite do governador Joaquim Roriz para apresentar os projetos do conjunto cultural que deseja ver concretizado na Esplanada dos Ministérios. “E que pode ser inaugurado com uma exposição das obras de Picasso”, sonha Niemeyer. Ele veio fazer também o projeto de um novo museu indígena, deixando livre o prédio circular em frente ao Memorial JK para a instalação de um Museu de Arte, como era o seu projeto original. De sua autoria, o prédio — até o momento destinado ao Memorial dos Povos Indígenas, jamais teve concretizada qualquer iniciativa para lá pensada.

Ignorando as ‘maldições e pajelanças’ que pesam sobre o Memorial dos Povos Indígenas, Oscar Niemeyer passou a tarde de ontem

na Fundação que leva o seu nome — localizada logo após a Praça dos Três Poderes —, traçando as curvas finais do novo Museu do Índio. “Aquele espaço circular foi concebido para um grande salão de exposições. E o museu indígena requer pequenas salas de exposições. Não dá para subdividir aquele espaço já construído”, explica Niemeyer. Hoje ele visita a catedral de Brasília para propor sugestões à reforma em andamento no local.

Acompanhado do governador Roriz e outros membros do governo, Niemeyer visitou o espaço ao lado do Gran Circo Lar, na Esplanada, onde deverá ser construído “a área cultural do Eixo Monumental”, disse ele, ainda sem nome definitivo para a futura obra. O governo ainda não sabe de onde vai tirar verbas para construí-la. “Espero que ainda na sua gestão, governador”, faz figa a secretária de Cultura Luiza Dornas.

“Vamos preencher o vazio da Esplanada — dar vida ao Eixo — com um prédio que harmonize com a unidade dos edifícios já existentes”, diz

Niemeyer. Para diminuir custos, o arquiteto simplificou o projeto tornando-o dois terços mais barato. Mas ele reconhece que “obra é metro quadrado. Não tem mágica. Se é grande, vai custar mais caro”.

Pensado inicialmente para ter um vão de 80 metros, o projeto foi modificado. “Ele terá uma cúpula cortada,

um imenso salão de exposições, rampas que saem fora do prédio”, descreve Niemeyer. “Arquitetura é fantasia, coisa nova, invenção.” O prédio prevê espaço para um grande auditório para “shows de música popular brasileira e de espetáculos de dança, 10 a 15 pequenos cine-

mas e uma rua subterrânea sob o Eixo, com livrarias e outros comércios culturais”, vislumbra o arquiteto.

Outro projeto que há tempos está na pauta para construção na Esplanada foi deixado de lado por enquanto. “A Biblioteca Nacional é mais complexa. Estamos rediscutindo-a”, reavalia Niemeyer. “Esse seria um projeto para a juventude, onde os jovens chegassem, apertassem um bo-

tão e para fazer a consulta que desejasse. Tudo informatizado.” E dispensa uma tirada filosófica: “Quando a gente passa a se informar melhor, o mundo fica maior e mais perverso.”

Enquanto sonha com os novos projetos, Niemeyer rejeita categoricamente que haja problemas com os edifícios e monumentos já construídos, como o Palácio do Buriti ou o Tribunal de Justiça (TJDF), que necessitam de reformas. “Os edifícios de Brasília tiveram as estruturas pensadas pelos melhores calculistas do mundo. Os problemas de Brasília são os problemas inerentes às grandes cidades, que cresceram demais”, diz.

Diante do horror com a grande quantidade de automóveis por toda a cidade, em especial na Esplanada, o arquiteto já pensa numa solução: “Seria a construção de estacionamentos subterrâneos. E isso não seria caro. Bastaria que as vagas fossem vendidas antecipadamente.”

Em meio a declarações de amor ao prédio do Congresso, “dos que desenei, é o que mais gosto”; da recusa polida ao convite do governador Roriz a voltar às formalidades do Palácio Buriti, onde passou a manhã, “não, obrigado, agora vou trabalhar”; Niemeyer responde com serenidade sobre a possibilidade de *redesenhar* Brasília, que estaria fazendo no momento, ao projetar novos edifícios para a cidade: “Agora não dá mais tempo. Estou indo embora.”

“VAMOS PREENCHER O
VAZIO DA ESPLANADA —
DAR VIDA AO EIXO —
COM UM PRÉDIO QUE
HARMONIZE COM A
UNIDADE DOS EDIFÍCIOS
JÁ EXISTENTES”,

arquiteto Oscar Niemeyer
em visita à cidade que ajudou a construir